

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL –
JORNALISMO**

JAQUELINE NEVES BUENO

QUAL JORNALISMO DEFENDE OS DIREITOS HUMANOS?
Livro reportagem sobre o trabalho de jornalistas nos veículos alternativos de
comunicação

Bauru -SP
2022

B928q Bueno, Jaqueline
Qual jornalismo defende os direitos humanos /
Jaqueline Bueno. -- Bauru, 2023
18 p. : 2 v.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Maria Gobbi

1. Direitos humanos. 2. Jornalismo Aspectos
sociais. 3. Entrevistas em jornalismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design,
Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JAQUELINE NEVES BUENO

QUAL JORNALISMO DEFENDE OS DIREITOS HUMANOS?
Livro reportagem sobre o trabalho de jornalistas nos veículos alternativos de comunicação

Relatório final do Projeto Experimental Livro Reportagem apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^a. Associada Dr^a. Maria Cristina Gobbi.

18

Bauru -SP
2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à professora e orientadora Maria Cristina Gobbi por ter me acolhido e me guiado durante esse processo. Além de se entusiasmar junto comigo com o andamento do projeto, foi também muito compreensiva, levando em consideração a realidade complicada de escrever um Trabalho de Conclusão de Curso durante a pandemia da Covid-19.

Depois, aos meus amigos mais próximos Daniele Fernandes, Juliana Gonzales, Caê Vatiero e Yasmin Machado, que não só foram meu apoio emocional, como também me ajudaram bastante com a produção do livro. Nesse sentido, também agradeço muito a presença da minha família, que cuidou de mim durante esses meses de trabalho e todas as outras vezes que eu precisei.

Por fim, deixo um agradecimento especial para o meu companheiro de vida, Gustavo Bento Lopes, que fez de tudo para que eu conseguisse caminhar para a finalização do projeto.

RESUMO

Com o objetivo de responder a pergunta do título deste projeto, o livro reportagem busca mostrar como o jornalismo alternativo trabalha na prática com a defesa dos direitos humanos, em contraponto com a o jornalismo tradicional. Para isso, foram utilizadas técnicas jornalísticas de jornalismo literário aprendidas durante a graduação, a fim de realizar entrevistas com jornalistas de veículos alternativos consolidados no Brasil. Cada profissional contou um pouco sobre a sua trajetória na área de direitos humanos, o trabalho do veículo em que atua, o que pensa da cobertura da mídia tradicional sobre o assunto, e também da importância prática da comunicação para a manutenção dos direitos fundamentais. São eles o Jornal Dois, O Joio e O Trigo, Ponte Jornalismo, Agência Mural, Alma Preta e Nós Mulheres da Periferia, além do Intervezes, Coletivo Brasil de Comunicação. A intenção do produto é ser informativo, mas também abrir o debate sobre a necessidade do jornalismo ter o viés de direitos humanos na sua linha editorial. O formato de livro de entrevistas tem a intenção de parecer de fato uma conversa entre a autora, o entrevistado e o leitor, com linguagem acessível e a finalidade de facilitar o entendimento sobre o assunto.

Palavras chave: Direitos humanos; Jornalismo alternativo; Livro reportagem; Jornalismo literário; Entrevistas.

O Livro Reportagem Qual Jornalismo Defende os Direitos Humanos? produzido como Trabalho de Conclusão de Curso pode ser acessado no seguinte link:

https://drive.google.com/drive/folders/1Obi1-sLYyWFjxKTtXMqfVIUG8uz6_NM4?usp=sharing

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
2.1. Justificativa do gênero e formato escolhido.....	09
2.2 Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto.....	10
2.3 Quadro de referência das técnicas jornalísticas empregadas, com respectivo referencial teórico.....	10
3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	13
3.1 Público alvo.....	13
3.2 Circulação/lançamento.....	13
3.3 Custos de produção.....	13
4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	13
4.1 Descrição das atividades empregadas.....	13
4.2 Pré-Produção.....	14
4.2.1 Fontes.....	14
4.2.2 Cronograma das entrevistas.....	14
4.2.3 Produção do livro reportagem.....	14
4.3 Descrição do produto final.....	15
4.3.1 Descrição técnica.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
5.1 Comentários.....	16
5.2 Dificuldades.....	16
5.3 Contribuições.....	16
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

Os direitos humanos são fundamentados pelo conceito de dignidade humana, como por exemplo o direito à vida, alimentação, moradia e igualdade. Então, é entendido e reconhecido que existem algumas condições caracterizadas como essenciais para que as pessoas possam viver dignamente. E, na teoria, esses direitos precisam ser garantidos pelo Estado para todas as pessoas.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi aprovada em 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. A justificativa foi justamente a tamanha brutalidade e intolerância vivida nesse período, fazendo com que esse marco fosse necessário para o reconhecimento da dignidade humana de forma internacional.

Mas a ideia de que os direitos humanos são universais, indivisíveis, interdependentes e inter-relacionados foi consolidada apenas na II Conferência Mundial de Direitos Humanos de Viena, em 1993. Isso significa que, em consenso, foi definido pelos países participantes que esses direitos se aplicam a literalmente todos os seres humanos, são necessários para uma vida digna, e que para ter um você precisa dos demais, entre outras características.

No Brasil, os direitos humanos se tornaram uma preocupação do Estado no momento de redemocratização do país pós Ditadura Militar. Foi na Constituição Federal de 1988 que o Estado Democrático de Direito foi estabelecido, e os direitos humanos se tornaram a base para o ordenamento jurídico do país. Por exemplo, logo no 1º artigo da Constituição é definido que os fundamentos da República são definidos pela cidadania e dignidade humana, e também, que os direitos humanos são um dos princípios que a regem.

No artigo 3º, é colocado como objetivos fundamentais do país: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Em seguida, destaca-se o “Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais” e o “Título VIII – Da Ordem Social”, que estabelecem os pilares dos direitos civis, econômicos, políticos, sociais e culturais para a população.

Além de instituir todas essas normas e leis sobre os direitos humanos dentro do país, o Brasil também faz parte de uma grande quantidade de convenções

internacionais de direitos humanos. Evidencia-se o artigo 5º, parágrafos 2º e 3º que incorporam nacionalmente as normas criadas por meio dos tratados internacionais validados pelo país.

Mas apesar dessas conquistas normativas dos direitos humanos, a realidade é diferente da representada na Constituição Federal. Para que esses direitos sejam de fato executados e usufruídos pela população, é necessário que exista também a criação de políticas públicas e de órgãos que coloquem tudo isso em prática, junto com a participação da sociedade civil.

Nesse sentido, o tema é de extrema importância para o jornalismo devido a sua ligação, primeiramente, com o “direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação”, como diz o artigo 1º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. E também o artigo 6º, que aponta os deveres do jornalista. Alguns deles são:

- I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- II - divulgar os fatos e as informações de interesse público;
- III - lutar pela liberdade de pensamento e de expressão;
- XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Além disso, acrescenta-se também o potencial do jornalismo em funcionar como criador de opiniões e subjetividades, além de contribuir de forma educativa sob espaços, realidades, culturas, entre outros assuntos que não chegam para toda a sociedade de forma orgânica. Porém, o poder de influenciar o imaginário coletivo pode ser antiético entre algumas camadas da profissão.

Nesse sentido, o objeto de pesquisa é entender melhor como o jornalismo alternativo trabalha na prática com a dos direitos humanos em contraponto com a mídia tradicional.

O objetivo é falar sobre o tema de uma maneira acessível para que qualquer pessoa possa entender a potência do jornalismo que escolhe focar nos direitos humanos, possibilitando que mudanças sociais concretas aconteçam.

Neste projeto, defende-se a ideia de que o jornalismo precisa ter como linha editorial o viés de direitos humanos, ou seja, em cada matéria, ser guiado pelo interesse dessa pauta. Seja na escolha de fontes, de pautas e do enquadramento das reportagens.

Nesse sentido, coloca-se o jornalismo tradicional em contraponto com a imprensa alternativa, que nasceu e vem se popularizando por conta de guiar-se pelas pautas dos direitos humanos e interesse público. Além disso, é relatada a vivência profissional dos jornalistas que trabalham em veículos de comunicação alternativos através de relatos pessoais, junto com a opinião de cada um deles sobre as questões que norteiam o tema. Também foram utilizadas pesquisas bibliográficas em livros e artigos científicos como forma de contextualização teórica do tema e do formato escolhido.

Também busco por meio desse trabalho aprimorar técnicas de entrevista e escrita jornalística estudadas durante a graduação, mostrar a importância do formato jornalístico literário para o entendimento de assuntos relevantes, e contribuir para o acervo de informações sobre o papel do jornalismo para a defesa dos direitos humanos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Justificativa do gênero e formato escolhido

Os direitos humanos são base fundamental para a dignidade humana, e entende-se que o jornalismo também tem responsabilidade sobre o tema devido ao seu espaço ocupado na sociedade. E levando em consideração que na prática esses direitos não são respeitados, enxerga-se também uma falha na comunicação brasileira. Porém, existe uma parcela do jornalismo que vem crescendo consideravelmente e causando mudanças positivas nesse cenário, que é o jornalismo alternativo.

A escolha do tema foi também pessoal, pois o motivo de ter escolhido o curso de jornalismo foi a partir dessa ideia de fazer do mundo um lugar melhor. E acompanhar o trabalho de jornalistas que se baseiam nos direitos humanos para informar a sociedade, sempre foi muito inspirador. Por isso, em todos os anos de graduação, o maior contato que tive entre as diversas possibilidades de editorias

jornalísticas foi a de direitos humanos, seja nos trabalhos acadêmicos ou nos projetos de extensão.

A escolha do formato também foi de certa forma pessoal, por conta do meu grande interesse por livros. Acredito que a informação pode ser passada de um jeito muito mais completo e simples de entender por meio dos livros, não só pela liberdade do tamanho do texto, mas também por conta da linguagem literária.

Então, para que o tema dos direitos humanos no dia-a-dia das redações alternativas pudesse ser explorado, juntei a minha vontade de produzir um livro reportagem com a necessidade de encontrar um formato que fosse suficiente para falar sobre o tema. Além disso, um outro critério de escolha foi a liberdade para escrever com o meu próprio estilo de linguagem, respeitando sempre os conceitos da redação jornalística.

2.2 Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto

A minha proximidade com o tema, em complemento com a vontade de aprender mais sobre o tema dos direitos humanos e a sua cobertura foram os principais fatores que nortearam as minhas escolhas durante a produção do livro.

Sua finalização, como a diagramação por exemplo, são uma forma de refletir um pouco da minha personalidade no produto, e isso também vale para a linguagem utilizada. Por ser um livro reportagem que contém entrevistas com jornalistas, o visual do livro reflete o tema “jornalismo” em seu aspecto visual também, com elementos como textura de papel, fonte, imagens e disposição do texto.

2.3 Quadro de Referência das técnicas jornalísticas empregadas, com respectivo referencial teórico

A técnica jornalística empregada foi a de Jornalismo Literário. No livro “Jornalismo Literário” de Felipe Pena, o jornalista e escritor afirma que o formato potencializa os recursos do jornalismo ao ultrapassar limites cotidianos, trazer visões mais amplas da realidade, e exercer plenamente a cidadania. Além disso, diferente do jornalismo cotidiano, não se segue no jornalismo literário as regras da pirâmide

invertida, evita-se as fontes primárias de informação, e existe a garantia de perenidade e profundidade dos relatos.

Na sua obra, Pena (2006) também apresenta o conceito da estrela de sete pontas, que seriam alguns pilares do jornalismo literário que foram levadas em consideração para este produto. São eles:

- 1- Potencializar os recursos do Jornalismo: Desenvolver os princípios e técnicas narrativas do jornalismo diário, construindo novas estratégias profissionais, sem deixar de levar em consideração as técnicas de redação jornalística.
- 2- Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano: rompe-se com a periodicidade e a atualidade, proporcionando uma visão mais ampla da realidade.
- 3- Visão ampla da realidade: contextualizar da forma mais abrangente possível algum recorte da realidade, o que seria impossível em uma matéria de jornal.
- 4- Exercitar a cidadania: o tema precisa contribuir de alguma forma para a formação do cidadão, o bem comum e a solidariedade.
- 5- Romper as correntes do lead: De acordo com Walter Lippman, a pirâmide invertida cria uma certa “cientificidade” para os jornais, amenizando a influência da subjetividade por meio de uma fórmula pronta (Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?). Nesse sentido, a linguagem literária possui maiores possibilidades de escrita, criatividade e estilo.
- 6- Evitar os definidores primários: deixar de entrevistar fontes oficiais de cargo público e funções específicas, e dar espaço para o cidadão comum, trazendo pontos de vista nunca abordados pela imprensa.
- 7- Garantir perenidade e profundidade aos relatos: objetiva-se a permanência da informação, coisa que não acontece no noticiário do dia-a-dia. “Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação.” (Pena, Felipe, p.17, Jornalismo Literário)

Também foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema dos direitos humanos, tanto o seu histórico no Brasil e no mundo, quanto a sua relação com o jornalismo. Essas informações foram utilizadas para guiar principalmente a pré-produção do livro reportagem. De acordo com Stumpf (2011, p. 51), a pesquisa

bibliográfica é definida como “qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto”.

Durante a pré-produção, também foi definido que o produto seria um conjunto de entrevistas com jornalistas especializados em direitos humanos que trabalham no jornalismo alternativo, a fim de entender de que forma esse formato de jornalismo consegue defender os direitos humanos. Para isso, foram utilizados os conceitos de entrevista de profundidade que, de acordo com Jorge Duarte (2011, p. 62) é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”.

De acordo com o autor, essa abordagem dá flexibilidade para que o entrevistador produzir as perguntas, e ao entrevistado definir os termos da resposta. E também, o foco desse método é a intensidade das respostas e não a quantificação ou representação estatística. Dessa forma:

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Desta maneira, como na análise de Demo (2001, p. 10) sobre pesquisa qualitativa, os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade. Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. (DUARTE, 2011, p.62-63)

Para definir quem seriam os entrevistados, foram selecionados 5 jornalistas de 6 veículos de comunicação alternativa especializados de nichos diferentes entre si para que houvesse pluralidade de informação. Também foi entrevistada uma especialista e ativista em direitos humanos e comunicação para introduzir alguns conceitos importantes para o entendimento do tema.

Segue a lista de entrevistados:

BIA BARBOSA: Jornalista, especialista em direitos humanos e co-fundadora Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação Social.

BIBIANA GARRIDO: Jornalista, co-fundadora do Jornal Dois, mídia radical da cidade de Bauru, interior de São Paulo, com foco nas notícias da região.

JOÃO PERES: Jornalista e Co-fundador do O Joio e O Trigo, veículo investigativo sobre alimentação e poder privado no Brasil.

CAETANO VASCONCELOS: Homem trans e bissexual, repórter especializado na editoria LGBTQIA+. Ele atuou na Agência Mural, veículo especializado na cobertura das periferias de São Paulo, e na Ponte Jornalismo, cujo foco é a cobertura de direitos humanos.

PEDRO BORGES: Jornalista e co-fundador do Alma Preta, agência de jornalismo especializada na temática racial.

SEMAYAT OLIVEIRA: Jornalista e co-fundadora do Nós Mulheres da Periferia, empresa jornalística fundada e autogestionada por mulheres negras e periféricas.

3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

3.1 Público alvo

O livro reportagem “Qual jornalismo defende os direitos humanos?” tem como público alvo jornalistas e comunicadores, assim como qualquer pessoa que se interesse pelo tema de direitos humanos.

3.2 Circulação/lançamento

O produto terá formato digital e-book, em PDF, e será disponibilizado por meio de uma pasta no Google Drive.

3.3 Custos de produção

O produto não gerou nenhum custo de produção. Devido à pandemia da COVID-19, as entrevistas foram realizadas de forma remota por meio do Google Meet. O formato digital também contribuiu para que não houvesse gastos.

4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

4.1 Descrição das atividades empregadas

A escolha de produzir um livro reportagem como Trabalho de conclusão de curso veio primeiro que o tema. Este segundo foi fruto de leituras sobre direitos humanos quando eu decidi buscar assuntos relevantes que se encaixassem como meu perfil de interesse.

Assim que tive ideias do que seria então o projeto, contatei a professora Maria Cristina Gobbi para solicitar a sua orientação. Fechamos de fato o tema e começamos a produção do projeto experimental em outubro de 2021, que foi feito e orientado totalmente de maneira remota, por meio de reuniões virtuais.

4.2 Pré-Produção

4.2.1 Fontes

Depois de muita pesquisa, foram definidos os nomes de possíveis entrevistados. De acordo com a proposta do projeto, cada fonte deveria ser de um veículo diferente, e ambos precisariam ter abordagens variadas dos direitos humanos, como por exemplo a mídia negra, LGBTQIA+, feminista, periférica e assim por diante. Contatei 11 pessoas, das quais 6 deram retorno confirmando a participação.

As datas de cada entrevista foram combinadas com cada uma das fontes via E-mail ou WhatsApp. Todas as entrevistas foram realizadas pelo Google Meet nos meses de novembro e dezembro de 2021, em paralelo com a transcrição de cada uma delas.

4.2.2 Cronograma das entrevistas

Entrevistado	Data	Hora
Bibiana Garrido	10/11/2021	19h
João Peres	11/11/2021	10h
Caetano Vasconcelos	17/11/2021	20h
Pedro Borges	13/12/2021	21h
Semayat Oliveira	17/12/2021	9h
Bia Barbosa	20/12/2021	14h

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

4.2.3 Produção do livro reportagem

A etapa de escrita dos capítulos foi iniciada na primeira semana de janeiro, até a última semana de fevereiro. Cada entrevistado teve um capítulo para si, com foco nas suas vivências como jornalista que cobre direitos humanos, e sobre o trabalho realizado nos veículos de comunicação do qual fazem parte.

Os capítulos narram as entrevistas como se fosse ping pong, porém utiliza-se a linguagem literária e popular na criação dos capítulos, além da intervenção da autora com observações e pontos de vista.

4.3 Descrição do produto final

De acordo com Lima (2009, p. 427), a definição do gênero Perfil é a que melhor se adequa a este projeto experimental, onde o “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias, quem sabe”.

Já sobre a classificação de livro reportagem, a mais adequada, segundo o autor, é a de Livro-Reportagem-Ensaio, onde percebe-se “a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor”. (LIMA, 2009, p. 58)

4.3.1 Descrição técnica

O livro é composto por:

- Capa;
- Prefácio e apresentação;
- Capítulo 1 - Última entrevista: Bia Barbosa, especialista em direitos humanos e co-fundadora do Intervozes;
- Capítulo 2 - Primeira entrevista: Bibiana Alcantra Garrido, do Jornal Dois;
- Capítulo 3 - Segunda entrevista: João Peres, do O Joio e O Trigo;
- Capítulo 4 - Terceira entrevista: Caetano Vasconcelos, da Agência Mural e da Ponte Jornalismo;
- Capítulo 5 - Quarta entrevista - Quarta entrevista: Pedro Borges, do Alma Preta;
- Capítulo 6 - Quinta entrevista - Quinta entrevista: Semayat Oliveira, do Nós Mulheres da Periferia;

- Fechamento - Mas afinal, qual é o jornalismo que defende os direitos humanos?;
- Contra-capas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Comentários

A produção deste projeto experimental envolve os conceitos que mais se destacam para mim como estudante e futura jornalista, que são o jornalismo literário e o viés de direitos humanos. Por isso, apesar das dificuldades, foi uma experiência muito prazerosa ter pensado e desenvolvido este produto.

Tive muito cuidado ao escolher as fontes e veículos que entrariam no livro reportagem, prezando pela pluralidade de ideias e discussões que realmente agregaram bastante para a comunidade jornalística como um todo. No mais, acredito que consegui dar o meu melhor dentro dos recursos que tinha em mãos.

5.2 Dificuldades

As principais dificuldades que tive durante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso foram, sem dúvida, a condição de isolamento social e vulnerabilidade devido à pandemia da Covid-19. Não saí de casa em nenhum momento para a realização deste projeto, mas as condições do dia-a-dia impostas por esse momento de crise sanitária afeta bastante o nosso estado físico e mental.

Outro ponto que vale salientar foram os prazos de entrega, que eu particularmente considerei curtos devido a carga de trabalho que tive para produzir o livro. Mas considero que essa questão é relativa tanto à certa falta de organização minha, como também de precisar conciliar o TCC com outros projetos simultaneamente.

5.3 Contribuições

A primeira contribuição que cito aqui é a de ter tido a oportunidade de escrever um livro. A segunda, de escrever um livro sobre um assunto que considero importantíssimo para o jornalismo. Conversar com todos esses profissionais me ensinou muitas coisas, e foi, de fato, uma experiência enriquecedora em diversos sentidos, como aprender mais sobre a prática do jornalismo alternativo na luta pelos

direitos humanos. E fico muito feliz também de poder compartilhar tudo isso com outras pessoas, sejam jornalistas ou não.

Acredito que consegui executar o que propus, e que consegui aprimorar as técnicas jornalísticas que envolvem esse produto, que são as entrevistas e a redação jornalística-literária.

Referências Bibliográficas

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri -SP: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. O Jornalismo Literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma História. In: **Rev Famecos (Online)**. Porto Alegre, Vol. 23, n. supl., outubro, 2016: Jornalismo Literário. - Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/view/1078>

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA, Iara Gomes de; MELO, Paulo Victor Purificação. **Guia Mídia e Direitos Humanos**. 1. ed. São Paulo: Intervezes, 2014

GUARESHI, Pedrinho. **O Direito Humano à Comunicação: pela democratização da Mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013

SILVEIRA, Jucimeri Isolda; ALVES, Veronica de Paula da Rocha. **Os direitos humanos como processos de luta diante do programa neoliberal brasileiro: estratégias de resistência e a centralidade da comunicação**. In: **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru-SP, v. 8, n. 1, p. 117-137, jan./jun., 2020.

Góes, Laércio Torres de. Características do Jornalismo Alternativo dos Movimentos Sociais na Web. In: **Ciberlegenda**, 2007 - Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36679>

TOSI, Giuseppe. Democracia e direitos humanos: uma conquista civilizatória ameaçada no Brasil e no mundo. In: **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru - SP, v. 7, n. 1, p. 32-59, jan./jun., 2019.

CORTIZO, Maria del Carmen; PANTALEÃO, Lucas Haygert. A árdua construção dos direitos no Brasil. In: **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru-SP, v. 6, n. 1, p. 13-29, jan./jun., 2018.

GARCIA, Luciana Silva; CALDERARO, Fernanda. A fragilização das estruturas federais de direitos humanos no Brasil pós ruptura institucional de 2016. In: **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru-SP, v. 5, n. 2, p. 211-232, jul./dez., 2017.

DORNELLES, João Ricardo W.. Direitos humanos em tempos sombrios: barbárie, autoritarismo e fascismo do século XXI. In: **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru-SP, v. 5, n. 2, p. 153-168, jul./dez., 2017.

CASTELLANOS, Angel Rafael Mariño. A indisponibilidade dos direitos fundamentais. In: **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru-SP, v. 7, n. 1, p. 249-261, jan./jun., 2019.